

MODELO ECOSSISTÊMICO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE PARA ESTRATIFICAÇÃO DA VULNERABILIDADE FAMILIAR EM MICROÁREA DO INTERIOR DO CEARÁ

Atenção Primária à Saúde; Determinantes Sociais da Saúde; Vigilância em Saúde

Introdução

A Atenção Primária à Saúde (APS) é a principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), responsável pela coordenação do cuidado e vigilância em saúde no território. Contudo, a fragmentação dessas práticas dificulta a identificação de vulnerabilidades familiares e o planejamento de intervenções integrais. Nesse contexto, a abordagem ecossistêmica da saúde amplia a compreensão do processo saúde-doença ao integrar determinantes clínicos, sociais, ambientais e territoriais, evidenciando desigualdades em saúde. Assim, o estudo justifica a necessidade de qualificar a vigilância em saúde na APS por meio de ferramentas de gestão do cuidado e planejamento territorial. O objetivo foi descrever a experiência de implantação de um modelo ecossistêmico de vigilância em saúde para estratificação da vulnerabilidade familiar em microárea do interior do Ceará.

Métodos

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido entre agosto e dezembro de 2025 por residentes multiprofissionais em Saúde Coletiva, das áreas de Educação Física e Enfermagem, em parceria com a equipe da Estratégia Saúde da Família de uma microárea, situada no interior do Ceará. Foram utilizados dados do e-SUS Território para estratificação de 144 famílias cadastradas, por meio de instrumento do programa de residência, classificando-as em baixa, média ou alta vulnerabilidade, segundo as dimensões clínica e socioeconômica. Empregaram-se geotecnologias para elaboração do mapa da microárea e organização espacial dos dados.

Resultados / Discussão

As informações subsidiaram a implantação da sala de situação como ferramenta de análise e organização do processo de trabalho. O território apresentou 396 usuários cadastrados, sendo 266 do sexo feminino e 130 do sexo masculino, com média de 2,84 pessoas por domicílio e idade média de 44,1 anos. Identificaram-se 121 idosos, 203 adultos, 46 adolescentes e 26 crianças. Das 144 famílias estratificadas, 105 apresentaram baixa vulnerabilidade e 39 média vulnerabilidade na análise integrada das dimensões. No aspecto socioeconômico, 91 famílias foram classificadas como baixa vulnerabilidade e 53 como média vulnerabilidade. Na dimensão clínica, 133 apresentaram baixa vulnerabilidade e 11 com média vulnerabilidade, evidenciando desigualdades em saúde associadas às condições socioeconômicas e territoriais. Destacaram-se 57 famílias com renda de até um salário mínimo, 80 pessoas com hipertensão arterial sistêmica e 31 com diabetes mellitus. No componente ambiental, observou-se esgotamento sanitário inadequado, com predominância de fossas rudimentares em 136 domicílios, além de imóveis abandonados e acúmulo de água parada. A análise integrada do território permitiu reorganizar o processo de trabalho, com priorização de visitas domiciliares, monitoramento das famílias mais vulneráveis e implantação de grupo de educação em saúde voltado à população idosa, considerando a expressiva proporção de idosos no território, a presença de condições crônicas e a necessidade de fortalecimento do autocuidado e da autonomia funcional.

Considerações Finais

A aplicação do modelo ecossistêmico de vigilância em saúde mostrou-se uma estratégia efetiva para qualificar a estratificação da vulnerabilidade familiar na APS. A utilização de instrumentos de análise territorial e gestão do cuidado permitiu reorganizar o processo de trabalho, identificar prioridades e direcionar intervenções conforme as necessidades do território, fortalecendo a integralidade da atenção e reduzindo iniquidades em saúde.

Referência Bibliográfica

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007. FARIA, Rivaldo Mauro de; BORTOLOZZI, Arlêude. Espaço, território e saúde: contribuições de Milton Santos para o tema da saúde e ambiente. *Revista de Geografia*, Recife, v. 26, n. 3, p. 31-41, 2009.